



Movimento

ISSN: 0104-754X

stigger@adufgrs.ufrgs.br

Escola de Educação Física

Brasil

Alves Garcia, Roberto; Lima da Silva, Nádia; Votre, Sebastião Josué  
A LUTA LIVRE NO SÉCULO XX NO RIO DE JANEIRO  
Movimento, vol. 22, núm. 2, abril-junio, 2016, pp. 379-390  
Escola de Educação Física  
Rio Grande do Sul, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115345745002>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

# A LUTA LIVRE NO SÉCULO XX NO RIO DE JANEIRO

*WRESTLING IN THE 20TH CENTURY IN RIO DE JANEIRO*

*LA LUCHA LIBRE EN EL SIGLO XX EN RIO DE JANEIRO*

**Roberto Alves Garcia\*, Nádia Lima da Silva\*, Sebastião Josué Votre\***

## Palavras-chave

Luta.  
Artes marciais.  
História  
do século XX.  
Narrativas pessoais.

**Resumo:** Este estudo tem como objetivo analisar a trajetória da luta livre no Rio de Janeiro no século passado. Os dados provêm de quatro entrevistas com protagonistas dessa luta, com idades entre 46 e 78 anos e de revistas de lutas. Trabalhando com memória e história oral, verificamos que a luta livre carioca se aprimorou por movimento interno e através da hibridização com outras modalidades de combate, rumo à esportivização. A análise permitiu concluir que a luta livre afirmou e reconstruiu sua identidade em confronto com o jiu-jítsu.

## Keywords

Fighting. Martial arts.  
History of the 20th  
Century.  
Personal narratives.

**Abstract:** This study aims at analyzing the history of wrestling in Rio de Janeiro during the last century. The data come from four interviews with practitioners aged 46-78. Working with memory and oral history, we found that wrestling in the city developed and improved by hybridizing with other forms of combat, pointing towards sportivization. The analysis allowed us to conclude that wrestling asserted its identity in opposition to *jiu jitsu*.

## Palabras clave

Lucha.  
Artes marciales.  
Historia del siglo XX.  
Narrativas personales.

**Resumen:** Este estudio tiene como objetivo analizar la trayectoria de la lucha libre en Rio de Janeiro, en el siglo pasado. Los datos provienen de cuatro entrevistas con protagonistas de esa lucha, con edades entre 46 y 78 años. Trabajando con memoria e historia oral, constatamos que la lucha libre en Rio de Janeiro fue mejorada por un movimiento interno a través de la hibridación con otras modalidades de combate. El análisis permitió concluir que la lucha libre confirmó y reconstruyó su identidad, en confronto con otras con el *jiu jitsu*.

\* Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.  
E-mail: r2.academia@ig.com.br

Recebido em: 03-07-2015  
Aprovado em: 04-12-2015



## 1 INTRODUÇÃO

Durante o século XX, eventos de vale-tudo que confrontavam modalidades de artes marciais tiveram destaque em diferentes regiões do Brasil. A cidade do Rio de Janeiro foi um dos palcos desses confrontos em que os pugilistas pretendiam mostrar a superioridade técnica de sua modalidade de luta. As narrativas históricas dão destaque para algumas delas, como a luta livre, o *muay thai* e o jiu-jítsu associado à família Gracie (AWI, 2012; GRACIE, 2008; VASQUES; BELTRÃO, 2013). Existe discordância sobre o protagonismo do jiu-jítsu, uma vez que a luta livre, o boxe e a capoeira, “[...] com seus predicados singulares, tiveram fundamental importância na constituição dos combates intermodalidades” (LISE, 2014, p. 128).

O problema do estudo é: como se manifestam, em depoimentos orais, as memórias de quatro ícones da luta livre sobre o desenvolvimento desta modalidade de luta e sua participação em combates de vale-tudo, em que os confrontos se esportivizam?

A Federação de Luta Livre e Submission do Estado do Rio de Janeiro (FLLSERJ) destaca em seu *site* oficial que a luta “[...] nasce ‘livre’ como diz o próprio nome, sem adereços ou complementos, em consonância com a própria natureza. O homem sempre lutou, e continuará lutando até o fim dos séculos”. O texto sobre a história dessa modalidade é assinado pelo Mestre Roberto Claudio Leitão, nosso informante, que conclui: “Seria oportuno lembrar que a origem da luta livre se funde com a da luta olímpica e hoje tem, sem dúvida, o maior número de praticantes no mundo (mais de 30.000.000)”. O *site* destaca a trajetória do lutador Tatu, que foi o primeiro praticante de luta livre a ganhar notoriedade – a partir de 1928. Oriundo da natação e com físico privilegiado, aprendeu as técnicas da luta livre e venceu os desafios de lutas nas décadas de 1940 e de 1950 (FEDERAÇÃO DE LUTA LIVRE E SUBMISSION DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, 2015).

De acordo com Awi (2012, p. 18), as lutas “[...] arrastaram multidões sedentas para assistir a uma boa briga”; e a luta livre esteve presente em muitos dos eventos de vale-tudo. Segundo Melo (2007), o esporte, que já se destacava como prática social no início do século XX, encontrou eco nas propostas do futurismo, que celebrava o movimento agressivo, a bofetada e o murro, ingredientes de diferentes modalidades de lutas. Os principais jornais do século passado, como *Correio da manhã*, *A Época*, *A manhã* e *Jornal do Brasil* dão conta da trajetória da luta livre. Entretanto, há uma lacuna no que se refere ao posicionamento dos próprios protagonistas da luta livre e de sua trajetória. Estudos como os de Amaral (2014) afirmam, categóricos, que a luta livre, em seus primórdios, não tinha nada de entretenimento. O objetivo do artigo é ampliar as discussões sobre a luta livre nos eventos de vale-tudo, a partir de análise das vozes de quatro protagonistas dos eventos de vale-tudo no Rio de Janeiro.

Compartilhamos a ideia de Gebara (2004) sobre história oral, no sentido de que produzimos documentação de natureza *sui generis*, com depoimentos orais subjetivos, e em parte provocados pela interferência do entrevistador. Privilegiamos as fontes orais, dada sua utilização intensiva e extensiva na área de Educação Física. Com Ibrahim (2014, p. 115), através dos depoimentos orais damos ao informante “[...] a subjetividade como produção, a verdade enquanto circunstanciada e contingente, a memória como um processo ativo de ressignificações”.

Concebemos o presente, como Meihy (2010, p.181), “[...] como produto de processos ainda em curso, é dele que se parte para a observação de acontecimentos, situações e

fatos”. Os saberes dos depoimentos orais são contingentes, provisórios, produtos da memória presente, reconstruções do vivido.

## 2 METODOLOGIA

Na presente pesquisa, utilizamos o método de história oral (THOMPSON, 2002), com narrativas provocadas por entrevistas *de profundidade*. Nós nos aproximamos da transcrição (MEIHY, 2006, p. 194-195), no sentido de que temos que entender para explicar e explicar para transformar, “donde, compreender é transformar”, pois assim analisamos o todo, tendo compromisso com o social, utilizando o começo, o meio e o fim da história. Valemo-nos das técnicas de análise de conteúdo para postular categorias *a posteriori*, e para as inferências (BARDIN, 2011). O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética do Hospital Universitário Pedro Ernesto, sob o número 781.338.

Os estudos de natureza sociocultural sobre lutas vêm ganhando consistência e acumulando saberes sobre práticas e representações sociais a partir de investigações empíricas em que se procede à análise de entrevistas orais, individuais ou em grupo, com os protagonistas das diferentes modalidades de lutas. Gomes *et al.* (2010), Nascimento e Almeida (2007), bem como Rufino e Darido (2011), atestam a importância desses estudos.

A opção de trabalhar com a memória social em narrativas orais acumulou saberes relacionados às práticas corporais, marcados pela contingência própria da história e da memória orais, com os informantes instados a textualizar suas experiências, vivências, conhecimentos, atitudes e comportamentos.

A escolha dos quatro informantes de elite obedeceu a critérios relacionados ao tempo de prática e às graduações na luta livre. Roberto Cláudio das Neves Leitão (10º DAN), João Ricardo Nascimento de Almeida (8º DAN), Hugo da Silva Duarte (8º DAN) e Johil de Oliveira (6º DAN) pertencem a duas gerações na história da luta livre carioca.

A revisão da literatura sobre a luta livre carioca mostra uma lacuna, no que se refere às vozes dos seus protagonistas. Com a história oral, buscamos preencher parte desta lacuna, e contribuir para compreender como se deu a trajetória da luta livre no Rio de Janeiro e a inclusão de cada informante nessa trajetória, nos termos de Amado e Ferreira (2006, p. 75-76), construindo uma “história de baixo para cima. [...] um ângulo diferente de visão e uma noção mais ampla do próprio processo”.

Optamos por trabalhar com vozes até então ocultas, ou pouco audíveis, dos protagonistas da luta livre, no escopo da história oral, onde constatamos potencialidade e força especiais (THOMPSON, 2002). As questões da entrevista oportunizaram aos entrevistados discorrer sobre suas próprias trajetórias e avaliar o processo de consolidação de suas carreiras na luta livre. Os quatro informantes foram escolhidos após consulta a mestres do Rio de Janeiro, que os apontaram como destaques da luta livre na atualidade.

A coleta aconteceu entre 2013 e 2015. O roteiro da entrevista, validado por juízes, organizado em blocos temáticos, permitiu aos entrevistados e ao entrevistador a liberdade de abordarem a história de cada um, retornando ao tópico do estudo sempre que necessário. As entrevistas foram categorizadas e analisadas seguindo as técnicas de análise de conteúdo (BARDIN, 2011). Da análise das respostas resultaram as seguintes categorias: trajetória da

luta livre; influências e alianças com outras modalidades; Rio de Janeiro como palco da luta; e mercado internacional da luta. Com base na análise das respostas, iluminamos as partes recorrentes e as distribuímos nas categorias que postuláramos.

### 3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Através da análise e interpretação das narrativas dos entrevistados, com apoio das publicações dos principais jornais cariocas da época e de estudos recentes, oferecemos nova leitura da trajetória da luta livre no século passado em solo carioca.

#### 3.1 TRAJETÓRIA DA LUTA LIVRE

O *site* da FLLSERJ indica que o primeiro registro da luta livre foi em 1928, com o lutador Tatu, mas Roberto Leitão apresenta outros indícios sobre o pioneirismo da luta livre no Rio de Janeiro: “O Sinhozinho, antes, já tinha, em 1920, uma espécie de equipe de luta no Flamengo”. Neste excerto, identificamos um esforço de legitimação mais antiga sobre a prática da luta livre, recorrendo à construção de uma memória que busca remeter-se aos tempos de 1920.

Para o entrevistado João Ricardo, a luta livre foi proposta diante da necessidade de dominar técnicas de solo, necessárias para lutar os eventos que aconteceram nos anos de 1967 e 1968: “Era na Rua do Rosário, então eu só fazia caratê, eu não fazia luta livre, então eu comecei na minha academia, eu comecei a fazer vale-tudo no América, então eu comecei a treinar a luta livre”. O mestre fala sobre os lutadores que contribuíram para o seu aprendizado das técnicas de chão, da luta livre: “Hilbernon de Oliveira passava a parte de chão para a gente, de calção, então, aí eu comecei a fazer a técnica de luta livre, mais tarde eu conheci o Roberto Leitão, em 1973, 1974, [...] aí, eu me aperfeiçoei na luta livre”.

A entrada do lutador Hugo Duarte na modalidade de luta livre aconteceu na sua adolescência: “Foi no Santa Luzia, [...] o professor Brunocilla gostou de mim, eu estava no tatame lá, tinha pouca gente pra treinar, aí, ele falou: quer dar um treino, eu comecei a treinar, ele falou: você tem a maior raça, comecei a treinar com 14 anos de idade”.

Hugo Duarte confere à modalidade de luta livre o *status* de pioneira entre as outras existentes: “A luta mais antiga é a nossa, no caso com adaptações”. Ele indica, em sua fala, que a luta sofreu adaptações desde o seu surgimento até os dias atuais.

Johil de Oliveira começou a luta livre aos sete anos de idade, por influência de seu pai: “Eu sempre gostei de jogar bola na época, mas o meu pai praticamente me forçava a ir pra academia com ele, meu pai era lutador também”. Os principais mestres que se destacam na formação de lutadores e disseminadores da luta livre foram Sinhozinho, Brunocilla e Roberto Leitão. De acordo com Lise (2014), as apresentações de luta americana em teatros do Rio de Janeiro, por trupes estrangeiras, em 1909, 1911, 1913 e 1915, tiveram grande repercussão e aceitação dos cariocas, o que sugere o grau de disseminação dessa prática. No decorrer do século passado, a modalidade foi rebatizada de luta livre romana para luta livre americana e, por fim, passou a denominar-se luta livre esportiva e luta livre. Em 1920, segundo Roberto Leitão, o Mestre Sinhozinho tinha uma equipe de luta livre no Flamengo; nesse mesmo ano, o Correio da Manhã de 13 de abril registra a chegada, ao Rio, do campeão de luta livre, o espanhol André Balsa, que desafia todos os amadores e profissionais. Em 1930, noticia a

imprensa, o brasileiro Manoel Rufino enfrenta um representante da luta livre americana entre os tripulantes do cruzador americano (CORREIO DA MANHÃ, 9 de mar. 1930). Nas décadas de 1940 e 1950, os jornais continuaram a destacar a luta livre nos eventos de vale-tudo como espetáculos que tinham as plateias sempre lotadas, e que aconteciam com trupes já treinadas.

A trajetória da luta livre no Rio de Janeiro suscita reflexões sobre enobrecimento das atividades de lutas, seu papel na formação cidadã, o foco na defesa pessoal e no respeito pela integridade do oponente, o que se conseguiu com a transferência dos embates das praias e ruas para recintos fechados.

A apropriação do conceito de esportivização, proposto e desenvolvido por Elias e Dunning (1992), nos permitiu avançar na compreensão do que se deu, no Rio de Janeiro, ao ressignificar as lutas, tanto luta livre como jiu-jítsu, de atividades de gangues e grupos de jovens relativamente irresponsáveis no uso da força e das técnicas de combate, para atividades de prestígio, desenvolvidas em academias que congregam lutadores envolvidos com o presente e o futuro das modalidades de luta esportivizadas, consolidadas nos eventos de vale-tudo e institucionalizadas nos campeonatos de artes marciais mistas. O fato de o Ministério do Esporte apoiar com recursos financeiros e técnicos os eventos juvenis de luta indica que a esportivização dessa área se consumou. Em agosto de 2015, a pasta investiu R\$ 3 milhões no Mundial Júnior de *Wrestling*, que reuniu atletas de 62 países. “A pasta celebrou sete convênios, nos últimos cinco anos, com a Confederação Brasileira de Lutas Associadas (CBLA) que resultaram em investimentos superiores a R\$ 14 milhões” (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2015).

### 3.2 INFLUÊNCIAS E ALIANÇAS COM OUTRAS MODALIDADES DE LUTA

Apropriar-se de técnicas de outras modalidades de luta para adaptá-las a seus interesses e propósitos é uma prática de hibridismo utilizada por vários mestres de artes marciais. Citamos como exemplo Jigoro Kano, que, em 1882, ao criar o judô, adaptou técnicas do jiu-jítsu japonês, praticado pelos antigos mestres samurais, bem como de outros tipos de luta que na época se desenvolviam no Japão (KANO, 2010). A luta livre incorporou recursos de trupes europeias, como bofetadas e golpes traumáticos; progressivamente, aprimorou esses recursos e se apropriou de técnicas de outras modalidades de luta, voltada para os confrontos de rua. Podemos dizer, então, que resultou hibridização, que “consiste em um tipo de mescla que renova a cultura, produzindo novos sentidos” (KERN, 2004, p. 59).

Além da luta livre, dois dos nossos quatro entrevistados treinaram outras modalidades de luta, enquanto dois se iniciaram diretamente nos treinos de luta livre. Observamos as evidências dessas influências nas falas dos entrevistados. Segundo Roberto Leitão, a sua trajetória na luta livre se desenvolveu no Rio de Janeiro, em um contexto de troca de informações, experimentos pessoais e apropriações de técnicas corporais oriundas de outras modalidades: “Eu falei não adianta eu fazer jiu-jítsu, que eu estarei sempre atrás dele. Escolhi o judô [...] nunca parei, continuei fazendo judô até a faixa preta quarto grau”.

O mesmo entrevistado, que tem papel relevante na formulação das técnicas da luta livre, mostra-nos seu envolvimento pessoal na compleição da luta:

Eu conheci a luta livre pelo calor, a gente tirava o paletó porque era muito quente o paletó do quimono. A gente começou a treinar aquilo, e aí a gente começou a procurar um ou outro que lutava, e descobri o Sinhozinho. É, eu fui adaptando as

coisas do jiu-jítsu, do judô e da luta livre, praticamente, pois, já tinha os praticantes dos subúrbios, [...] quando tinha um estrangeiro, a gente tirava alguma coisa.

João Ricardo começou no judô, passando em seguida para a prática do caratê e, após vários confrontos, passou a treinar luta livre no América, conforme referimos acima. Para Hugo Duarte, a experimentação dos diferentes tipos de luta se deu no *habitus* pugilístico, em que se manifesta a influência de outras lutas: “É, participei. Um boxe inglês, um boxe tailandês, tinha amigos, que eram do boxe e do boxe tailandês, tinha uma família do boxe inglês e do boxe tailandês, é tudo uma família”.

A preocupação de Hugo Duarte para aprimorar as técnicas se justifica pela carência de técnicas de “trocação” do combate em pé, e pelas vantagens da luta livre; daí a união com a “família” do boxe inglês e do boxe tailandês: “[...] treinava com todos “cascas grossas”, eu passava a parte de chão para eles e eles passavam a parte em pé pra mim”.

Johil de Oliveira, que se especializou em luta livre, também se viu treinando o *muay thai*: “A gente tinha uma parceria com Luiz Alves, da Boxe Thai, então todo o mundo que treinava luta livre fazia *muay thai*, lá na Boxe Thai, e quem treinava *muay thai*, com Luiz Alves, treinava a luta livre lá com a gente”.

Dentre todas as modalidades de luta praticadas no Rio de Janeiro, nota-se que a luta olímpica esteve presente na trajetória dos quatro informantes, e que ela reforçou o repertório de golpes da luta livre; os informantes treinaram e foram campeões deste tipo de luta como técnicos e como atletas. Segundo Roberto Leitão, “[...] nós pusemos gente da luta livre para aprender a luta olímpica. [...] para o nosso estilo, a luta olímpica é o “fiel da balança”, porque não adianta você ser o melhor cara de chão do mundo, se você não bota o outro no chão”. João Ricardo afirma: “[...] eu fazia luta livre olímpica pela Gama Filho, eu fui campeão cinco anos seguidos”. O depoimento de Hugo Duarte mostra envolvimento com a luta olímpica durante a vida toda: “Eu fiz, com 16 anos, eu tenho 50 anos”. Johil de Oliveira, por sua vez, diz: “Eu nunca treinei luta olímpica, mas participei do Campeonato Carioca e fui campeão em 1995”.

Portanto, temos evidências nas falas dos informantes de que a luta livre foi construída em um contexto de colaboração estreita com luta olímpica; nas disputas esportivas, a união com esta modalidade refinou as técnicas da luta livre, também conhecida por outros nomes: “A gente chamava de pistola, ou luta esportiva, ou luta de calção” (Roberto Leitão). “Era luta de calção” (João Ricardo). “Há vinte anos eu falei que a luta da moda seria a luta livre” (Hugo Duarte). Nosso informante mais jovem, que treina e pratica luta livre desde os sete anos, afirma: “Se você tira quimono (fica só de calção) e faz a parte de chão, é luta livre” (Johil de Oliveira). A indefinição de termos para identificar a modalidade de luta é sintomática de um campo em construção. *Prowrestling*, *wrestling*, *luta livre esportiva*, *luta livre olímpica*, *luta livre*: os rótulos evidenciam aproximações e apropriações que por vezes podem dar a impressão de um campo difuso, com sobreposição parcial de estilos e técnicas.

O fato de ser treinada e lutada com calção facilitava a aceitação, por assemelhar-se à realidade dos combates em que tudo valia, donde se teria derivado o termo vale-tudo. Entretanto, tal interpretação literal não é consensual. Parte considerável dos documentos que foram compulsados utiliza a expressão *eventos de vale-tudo*, em que prevalece a interpretação de que nesses eventos os pugilistas se confrontavam com oponentes de estilos diferentes dos seus.



### 3.3 RIO DE JANEIRO COMO PALCO DA LUTA

Os eventos de vale-tudo no Rio de Janeiro eram organizados por lutadores conhecidos, com liderança indiscutível em luta livre e jiu-jítsu, que se desafiavam e enfrentavam nas praias, ruas e estacionamentos. O contexto da época era de afirmação de cada modalidade de luta. O que estava em jogo era mostrar que uma modalidade de luta podia sobrepujar a outra, e comprovar quais eram as melhores modalidades de lutas e os melhores mestres. Segundo Lise (2014, p.152), “Na década de 1930, os periódicos cariocas passaram a anunciar com certa frequência alguns eventos que reuniam lutas de boxe, jiu-jítsu, capoeira, luta romana e, em algumas ocasiões, confrontos intermodalidades”.

Esses eventos se foram amiudando, mas não chegaram a inibir de todo as manifestações em praças e ruas, a ponto de Roberto Leitão afirmar, sobre o programa de confronto apresentado pela TV, na década de 1960: “Era na Gávea, bem em frente ao jôquei, a gente participava dos ‘Heróis do ringue’, vale-tudo, na TV Continental. [...] naquela época era um dos Gracie contra um de fora, a nossa academia, de luta livre, tinha vantagens, por incrível que pareça”.

Em 1960, as autoridades demonstram preocupação com os espetáculos de luta livre, devido às “bofetadas”, e dizem que pelo “[...] perigo e ausência total de esportividade na luta livre (americana), modalidade que só é praticada no Brasil”, não deveria ser autorizada (CORREIO DA MANHÃ, 9 de jan. 1960, 2º cad.). O representante da luta livre americana Rubens Berardo, em carta aberta ao Jornal do Brasil (JORNAL DO BRASIL, 1960), defendia a continuidade dos eventos de vale-tudo, que aconteciam às segundas-feiras com exibição da TV Continental, organizados pelos irmãos Gracie. Mas as famílias brasileiras repudiavam as cenas violentas. Houve uma celeuma, provocada por vários órgãos da imprensa da época, que culminou com uma carta enviada pelo major-brigadeiro da aeronáutica ao “Senhor chefe de polícia, no sentido de que esta autoridade proíba a realização de tais espetáculos”. O jornal concluía que o fato já fora levado para discussão no Conselho Nacional de Desportos e que acataria a sua decisão (JORNAL DO BRASIL, 9 jan. 1960, p. 9). No mesmo dia, o jornal *Correio da Manhã* divulgava matéria sobre modificação das regras: “A comissão vai modificar...”. A discussão causada na época era sobre utilização das bofetadas desferidas pelos lutadores, durante os confrontos: “Houve uma série de opiniões desencontradas sobre a luta livre, regulamentos, conveniências, ilegalidades de socos, cada qual querendo sustentar a tese que lhe interessava (CORREIO DA MANHÃ, 9 de jan. 1960, p.15)”.

A luta livre, que no início se desenvolvera por si só, importou golpes e bofetadas que evoluíram para socos, que passaram a ser utilizados também nos eventos de vale-tudo. Os eventos de vale-tudo passaram por uma crise, que prenunciava mudanças; dividiam opiniões, com cenas excitantes para alguns, violentas para outros. A crise prenunciava esportivização, no sentido de Elias e Dunning (1992), de controle progressivo sobre a força física e restrição de danos no corpo do oponente.

Em 1962, houve um episódio lamentável, quando um lutador de jiu-jítsu deslocou o braço do seu oponente, em um famoso programa televisivo (AWI, 2012). A partir de então, cessou a transmissão pela TV. Os eventos diminuíram, com discussão e mudança nas regras, em diferentes regiões brasileiras. João Ricardo dá o tom dessa variação, no final da década de 1960, com uma versão literal para o termo vale-tudo: “[...] no ringue, três rounds de cinco;



em alguns eventos não valia soco, não valia cabeçada; no Rio valia mão aberta, joelhada, cotovelada, mas, não valia cabeçada; e em Goiás, eu lutei em Brasília, aí valia soco de verdade, aí era vale-tudo mesmo”.

No depoimento, João Ricardo mostra o estágio de variação em mudança da luta, com socos *de verdade*, além de bofetadas, joelhadas e quedas. Estava-se em fase de indefinição, rumo à luta esportivizada. O aprimoramento das regras, com controle da violência e sua homogeneização, alterou os eventos no decorrer do século XX; as ações de ataque foram contidas ou modificadas sem alternativa, sob pena de manterem a modalidade de luta fora de qualquer espaço público.

A mudança nas regras, resultante da pressão por esportivização e em busca de espetacularização, voltou a atrair o público e garantiu que os eventos proliferassem país a fora, com ações de luta mais inteligíveis e previsíveis, tanto para os praticantes quanto para os espectadores.

Neste contexto, merece citação literal uma passagem do texto de Elias e Dunning (1992, p. 224), que ajuda a compreender o que se passou com a luta livre no Rio de Janeiro: “[...] as competições integraram um conjunto de regras que asseguravam o equilíbrio entre a possível obtenção de uma elevada tensão na luta e uma razoável proteção contra os ferimentos físicos”.

Segundo os depoimentos orais dos lutadores, o Rio de Janeiro teria sido ponto de referência para a luta livre. Entretanto, outros estudos orais apontam outras capitais como referência (PASSOS *et al.*, 2014). Hugo Duarte sinaliza o retorno dessa luta no início da década de 1980, quando assistiu ao primeiro evento de vale-tudo no ginásio do América Futebol Clube, no Rio de Janeiro: “O primeiro vale-tudo que eu vi foi em 1980, vi no América com o João Ricardo, da Budokan”. Naquela época, Hugo treinava luta livre com o mestre Brunocilla, no clube do Boqueirão.

João Ricardo, ídolo da luta livre nos eventos de vale-tudo no Rio de Janeiro e também em outros estados, influenciou legiões de cariocas a praticarem a modalidade, desde a década de 1960 até o ano 2000, como lutador, como treinador e idealizador da copa *Budokan*<sup>1</sup>.

Em cada confronto, as modalidades de combate eram avaliadas. Segundo Roberto Leitão: “Naquela época era um dos Gracie contra um de fora (i.e, luta livre)”. Para João Ricardo: “A gente fazia vale-tudo, a gente não sabia o que o adversário fazia”. Para Hugo Duarte: “No vale-tudo no Rio de Janeiro, [...] cada um defendia a sua bandeira, defendemos a nossa porque tinha coisas que eram absurdas que aconteciam, e nós nos revoltamos com isso”. Johil de Oliveira evidencia a rivalidade com o jiu-jítsu: “A minha vontade sempre foi lutar com o pessoal do jiu-jítsu, para provar que não existe a melhor modalidade, existe o melhor atleta, né, o melhor atleta, aquele que está mais bem preparado”. O portal *Brazilian Jiu Jitsu* (2015) relata 11 confrontos com luta livre. Jiu-jítsu teve seis vitórias, quatro empates e uma derrota. Em 1997, por conta de nova confusão em evento televisionado, voltou a ser banido, por vários anos.

Johil de Oliveira afirma que, na década de 1990, o seu objetivo era lutar contra o jiu-jítsu, para provar que vencia o atleta mais bem preparado, independentemente da modalidade. Quando João Ricardo afirma que a modalidade do oponente não era conhecida, ele se refere ao início do combate, pois a origem da modalidade de luta do oponente se evidencia no correr do combate e, ao seu término, a modalidade vencedora é explicitada e enaltecida.

<sup>1</sup> A Copa Internacional Budokan de luta livre acontece todos os anos na Cidade do Rio de Janeiro, desde a década de 1980.

Temos evidência de que os desafios dos integrantes do jiu-jítsu lançados contra oponentes de qualquer modalidade de luta buscavam a afirmação do seu nome no mercado da luta – e não raras vezes encontraram ícones de outras lutas dispostos a enfrentá-los. Segundo o mestre Roberto Leitão, “os seguidores do jiu-jítsu sempre invadiam as academias”. Hugo Duarte oferece uma explicação para a união da luta livre com o boxe tailandês: “[...] e eles invadiram a academia do Molina; houve uma briga, e marcaram um vale-tudo com o boxe tailandês, nós nos unimos ao boxe tailandês; e começou essa guerra entre jiu-jítsu e luta livre”.

Os ataques se davam até na praia, como nos conta Hugo Duarte, sobre uma das cenas mais emblemáticas dessa rivalidade, entre a luta livre e o jiu-jítsu, na década de 1990: “Na praia do Pepe, o Rickson Gracie chegou com cinquenta a sessenta pessoas, contra eu [...] e mais três pessoas, ele perguntou: meu irmão, tá pronto?”. Uma semana depois invadimos a academia dele no Humaitá.

O contexto das rivalidades entre as modalidades de lutas no decorrer da década de 1980 e a esportivização dos confrontos são analisados e avaliados por Hugo Duarte: “[...] o Rio de Janeiro era sitiado, era só luta livre e jiu-jítsu, até que hoje em dia ficou uma coisa bem saudável, todo o mundo se dá bem hoje em dia, mas antigamente não”.

Johil de Oliveira fala sobre a rivalidade: “Isso foi importante para o crescimento do vale-tudo, entendeu, tanto da luta livre quanto do jiu-jítsu”.

O crescimento da luta livre foi em parte provocado pelas práticas e discursos do jiu-jítsu, como nos relata Roberto Leitão: “Jiu-jítsu usava muito a teoria de enfrentar para provar a supremacia da arte que ele defendia”. O jiu-jítsu se construiu, frente às outras modalidades de lutas, a partir da afirmação de suas técnicas, como a mais eficaz das lutas corporais. Para manter essa imagem, que lhe rendia fama e *status* no mercado da luta, o jiu-jítsu necessitava se afirmar diante das outras lutas, e a luta livre se destacou como principal oponente nesses combates.

### 3.4 MERCADO INTERNACIONAL DA LUTA LIVRE

Os enfrentamentos e as vitórias em alguns eventos de vale-tudo, transmitidos pela TV no início da década de 1960, trouxeram notoriedade internacional para a luta livre e o jiu-jítsu. O mundo da luta começou a conhecer os brasileiros em eventos internacionais de vale-tudo. O depoimento de Hugo Duarte nos indica como havia empecilhos à entrada da luta livre no cenário internacional dos eventos de confronto, por conta do poder de barganha do jiu-jítsu: “Chegou um japonês aqui, o Miúra [...], se ele levasse (contrato) lá para os caras do jiu-jítsu, os caras iriam breicar, não iriam deixar fechar contrato comigo nunca”.

Desde o início de 1980, os promotores de eventos internacionais de vale-tudo buscavam pelo mundo os melhores lutadores, e os brasileiros estiveram em destaque. O Japão era a “Meca” do vale-tudo mundial a partir da segunda metade da década de 1990, quando a luta livre ganhou notoriedade e eclipsou a soberania da família Gracie, como nos informa João Ricardo: “[...] foi em 1996, quando eu fui para o Japão, aí eu levei Ebenézer, The Pedro e Johil para o evento no Japão, os três ganharam o Challenger”.

Na mesma linha, está o depoimento de Hugo Duarte, que evidencia o prestígio da luta livre: “Fomos heróis, nós, conseguimos ir ao Japão, viajar à Europa toda, fui vinte vezes ao Japão; eu não saio daqui para dar um seminário por menos de três mil euros, cinco mil euros”.

As vitórias da luta livre nos eventos internacionais de vale-tudo apresentaram aos estrangeiros novas técnicas desta modalidade de combate, que os nossos informantes, em especial o lutador e engenheiro Roberto Leitão, ajudaram a desenvolver. É o que se lê no depoimento de Roberto Leitão: “[...] luta de muitos golpes, cervical, torções, chaves de calcanhar”. Johil de Oliveira complementa: “Porque tem muitos mais golpes, que no jiu-jítsu não pode, que na luta livre pode. Então eu acho a luta livre mais completa”.

A multiplicidade de golpes da luta livre e a eficiência deles abriram um mercado internacional para a realização de palestras sobre a modalidade no exterior, como se vê na declaração de Hugo Duarte, que realizou seminários na Itália e na Holanda: “[...] cheguei a ganhar 50 mil dólares por mês; fui para a Europa toda, na América do Sul também; é uma luta diferente, que tem muitos golpes”. O mundo da luta se encantava com a variedade e quantidade de técnicas e de golpes traumáticos desenvolvidos pela luta livre na cidade do Rio de Janeiro, durante o século XX.

#### 4 CONCLUSÃO

A trajetória da luta livre no Rio de Janeiro traduz a decisão e o desempenho de diferentes grupos de lutadores em confronto e se consolida na afirmação da identidade e da diferença, garantindo o acesso aos bens culturais, ao prestígio social e ao poder material.

A conclusão é que os esforços dos protagonistas da luta livre não foram inócuos. A modalidade evoluiu, incorporou novas técnicas, aprimorou regras e mecanismos de controle da força física, contribuindo para a melhoria do autoconceito dos lutadores. A esportivização resultou do embate dos interesses dos lutadores com os mecanismos de controle social dos clubes e das academias.

Cabe uma reflexão sobre a relação das lutas com as atribuições do profissional de Educação Física. Novos campos de intervenção, para o bacharel, supõem sua participação nos processos de esportivização das competições de caráter técnico e lúdico, em que se incluem as lutas. Cabe-lhe a análise crítica dos mecanismos de controle e administração da agressividade na segurança social. De educação para autoestima e autoconceito. Cabe-lhe a análise dos componentes pedagogizáveis dos esportes individuais e coletivos, que permita desconstruir a metáfora da luta. Cada modalidade esportiva é uma luta, e cada modalidade de luta é um esporte em que o foco está no corpo do oponente, alvo móvel, que cabe vencer, sem ferir.

#### REFERÊNCIAS

- AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta. **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- AMARAL, Carlos César Domingos do. A luta livre no Brasil e o marketing esportivo. **Revista da Faculdade Eça de Queirós**, Jandira, n. 14, p. 1 – 12, jun. 2014.
- AWI, Felipe. **Filho teu não foge à luta**: como os lutadores brasileiros transformaram o MMA em um fenômeno mundial. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BRAZILIAN JIU JITSU HEROES. **Jiu jitsu vs. luta livre**. Disponível em: <<http://www.bjjheroes.com/pt-br/culto-jiu-jitsu/jiu-jitsu-vs-luta-livre>> Acesso em: 17 out. 2015.

CARTA ABERTA. **Jornal do Brasil**, 9 jan. 1960. Rio de Janeiro. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015\\_08&PagFis=234&Pesq=luta livre](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_08&PagFis=234&Pesq=luta livre)>. Acesso em: 15 abr. 2015.

COMISSÃO VAI MODIFICAR REGULAMENTO. **Correio da Manhã**, 9 jan. 1960. Rio de Janeiro. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842\\_07&pasta=ano 196&pesq=luta livre](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_07&pasta=ano 196&pesq=luta livre)>. Acesso em: 15 de abr. 2015.

“O cruzador americano atracou, hontem, no caés da Praça Mauá”. **CORREIO DA MANHÃ**, p. 3, 9 mar. 1930. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/pdf/089842/per089842\\_1930\\_10798.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/089842/per089842_1930_10798.pdf)>. Acesso em: 26 de fev. 2016.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: DIFEL, 1992.

FEDERAÇÃO DE LUTA LIVRE SUBMISSION DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (FLLSERJ). **Luta livre**. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <<http://www.lutalivresubmission.com.br/origem.htm>>. Acesso em: 10 maio 2015.

GEBARA, Ademir. Fontes históricas e oralidade. **Movimento**, Porto Alegre, v. 10, n. 3, p. 133 – 154, set./dez. 2004.

GOMES, Mariana Simões Pimentel *et al.* Ensino das lutas, dos princípios condicionais aos grupos situacionais. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 207-227, abr./jun. 2010.

GRACIE, Reila. **Carlos Gracie: o criador de uma dinastia**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

IBRAHIM, Elza. Um passeio pela História Oral em companhia de Portelli, Foucault e Coutinho. **Mnemosine**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 114-127, 2014.

A INAUGURAÇÃO EM ATHENAS DE UMA OLYMPIADA CLÁSSICA. **A Manhã**. Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=116408&pesq=luta livre>>. Acesso em: 20 de abr. 2015.

KANO, Jigoro. **Energia mental e física**. São Paulo: Pensamento, 2010.

KERN, Daniela. O conceito do hibridismo ontem e hoje: ruptura e contato. **Revista Métis: história & cultura**, Caxias do Sul, v. 3, n. 6, p. 53-70, jul./dez. 2004.

LISE, Riqueldi Straub. **Entre diretos, ceintures avant, chaves de braço e rabo de arraia: os primórdios dos combates intermodalidades na Cidade do Rio de Janeiro (1909-1929)**. 2014. 152 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, UFP, 2014.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Os novos rumos da história oral: o caso brasileiro. **Revista de História**, Rio de Janeiro, n. 155, p. 194-195, 2006.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Memória, história oral e história. **Oralidades Revista de História oral**, São Paulo, n. 8, p. 179-191, jul./dez. 2010.

MELO, Victor Andrade de. Esporte, futurismo e modalidade. **Revista História**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 201-225, 2007.

MINISTÉRIO DO ESPORTE. Ministério do Esporte apoia maior competição júnior de luta olímpica do planeta, 12 ago. 2015. Disponível em: <<http://www.esporte.gov.br/index.php/ultimas-noticias/209-ultimas-noticias/52995-ministerio-do-esporte-apoia-maior-competicao-junior-de-luta-olimpica-do-planeta>>. Acesso em: 19 out. 2015.

NASCIMENTO, Paulo Roberto Barbosa do; ALMEIDA, Luciano de. A tematização das lutas na Educação Física Escolar: restrições e possibilidades. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 3, p. 91-110, set./dez. 2007.

NO PAVILHÃO INTERNACIONAL. **A Epoca**. Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=720100&pasta=ano 191&pesq=luta livre>>. Acesso em: 20 de abr. 2015.

PASSOS, Daniele de Alencar *et al.* As origens do “vale-tudo” na cidade de Curitiba-PR: memórias sobre identidade, masculinidade e violência. **Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 3, p. 1153-1173, jul./set. 2014.

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto; DARIDO, Suraya Cristina. A separação dos conteúdos das “lutas” dos “esportes” na educação física escolar: necessidade ou tradição? **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 14, n. 3, p. 1-17, set./dez. 2011.

THOMPSON, Paul. História oral e contemporaneidade. Trad. Andréa Zhouri e Lígia Maria Leite Pereira. **Revista História Oral**, Paraná, n. 5, p. 8-29, jul. 2002.

VASQUES, Daniel Giordani; BELTRÃO, José Arlen. MMA e educação física escolar: a luta vai começar. **Movimento**. Porto Alegre, v. 19, n. 4, p. 289-308, out./dez. 2013.